

O AGIR COMUNICATIVO DE ALUNOS DA EAD: O CASO DA PROVA PRESENCIAL

Francineide Ferreira de Morais¹ (UFPB)
france_morais@yahoo.com.br

Considerações iniciais

Em um outro artigo, Morais (2011), refleti sobre o gênero prova escolar, não como instrumento de avaliação da aprendizagem do aluno, numa perspectiva tradicional de avaliação de aprendizagem de conteúdos, mas como esse gênero escolar pode contribuir, com mais propriedade, para observação do agir comunicativo discente na modalidade de educação a distância (doravante EAD). Naquele trabalho, percebi que, em tese, o aluno, mesmo no final de um ano de graduação, considerava a prova como um mero instrumento para adquirir uma nota, desconsiderando (ou desconhecendo) que esta é um elemento avaliador de como são mobilizadas as suas capacidades de linguagem. Neste artigo, o objeto da minha investigação continua sendo a prova presencial-final, por possibilitar avaliar o desempenho linguístico-textual-discursivo do aluno com mais segurança no decorrer de um tempo considerável da graduação. Utilizando-me de uma análise comparativa entre o desempenho dos alunos na prova final do componente curricular Leitura e Produção de Texto - LET, referente ao período da oferta e da reoferta desta disciplina, investigo o agir comunicativo de graduandos de um curso de licenciatura pela EAD. Para isso, busco analisar as capacidades de linguagem subjacentes às produções escritas referentes a respostas elaboradas naquelas provas, centrando-me nas operações de linguagem envolvidas na organização das ações formativas da produção textual concernente às respostas elaboradas. Para tanto, tomo o aporte do Interacionismo Sociodiscursivo (doravante ISD), seguindo as orientações de Bronckart (2008; 2003/1999), Schneuwly e Dolz (2004) e Nascimento e Zironi (2009). Esse texto está organizado em duas seções: uma breve reflexão teórica, focalizando o agir comunicativo e as capacidades de linguagem, destacando as operações das ações formativas para a construção textual; e a análise de dados propriamente dita.

1. O agir comunicativo e as capacidades de linguagem

O ISD é uma corrente teórico-metodológica interdisciplinar ancorada na linguística saussureana, na psicologia vygotskiana, na sociologia, especialmente na habermaseana, além da filosofia spinoziana. Essa constituição epistemológica confere poder determinante à linguagem para semiotização do mundo e socialização do homem, por meio das atividades coletivas, cujas representações são mediadas e reguladas pelas interações sociais, caracterizando, assim, o agir comunicativo, constitutivo do psiquismo humano e do social, conforme teorizado por Habermas (1987 apud BRONCKART, 2003/1999, p. 32).

Para esse autor, o agir comunicativo é facultado pela “negociação prática (ou inconsciente) das pretensões à validade designativa das produções sonoras dos membros de um grupo envolvidos em uma mesma atividade” (1999, p. 32). Isto quer dizer que seria na cooperação ativa, ou seja, nas **atividades de linguagem**, por seu caráter coletivo, que as relações designativas se estabilizariam. Tal estabilização se concretiza

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Língua da UFPB – Proling, orientanda da Profª Drª Maria Betânia Medrado.

segundo as pretensões à validade relativas aos três mundos de representação habermasianos, os quais definem as escolhas e os posicionamentos dos participantes da atividade de linguagem, quais sejam: *o mundo objetivo* – pretensão à verdade; *o mundo social* – pretensão à veracidade de conformidade com as normas e valores sociais; e *o mundo subjetivo* – pretensão à autenticidade, às intenções do agente. Essas pretensões deliberam avaliações impondo “aos indivíduos capacidades (mentais e comportamentais) de agir, assim como intenções e/ou motivações de ordem sociosubjetiva, e os dotariam, de um modo geral, de uma responsabilidade na realização de um segmento de atividade”, além de incutir reflexão sobre o seu próprio agir (BRONCKART, 2008, p. 122) – é a **ação de linguagem**, que requer dos indivíduos participantes da interação, interpretação conforme as representações e, conseqüentemente, reorientações dos modelos comunicativos pré-construídos. Esse processo de reflexividade inerente à ação, ao mesmo tempo em que exige respeito ao estabilizado também permite flexibilidade no agir, este último impulsionado pelo saber/querer/poder-fazer, e tudo isso demanda **capacidades de linguagem**:

toda ação de linguagem implica [...] diversas capacidades da parte do sujeito: adaptar-se às características do contexto e do referente (capacidades de ação), mobilizar modelos discursivos (capacidades discursivas) e dominar as operações psicolinguísticas e as unidades linguísticas (capacidades linguístico-discursivas) (SCHNEUWLY, DOLZ, 2004, p. 74).

Esses autores enfatizam que as capacidades de linguagem (CL) são operações que permitem a realização de uma determinada ação de linguagem. Elas provocam a mobilização dos conhecimentos adquiridos e operacionalizam a aprendizagem de novos conhecimentos. As capacidades são três²:

- Capacidade de ação (CA) – possibilita o sujeito mobilizar conhecimentos sobre o contexto da interação, adequando seu agir às representações do ambiente físico, do estatuto social dos participantes e do lugar social onde se dá a interação;
- Capacidade discursiva (CD) - permite o sujeito mobilizar modelos discursivos, isto é, eleger o tema e a forma de organização do conteúdo do texto;
- Capacidade linguístico-discursiva (CLD) - oportuniza o sujeito dominar as operações psicolinguísticas e as unidades linguísticas, por meio das quais os recursos da língua (conexão, coesão, modalização, escolha lexical e outros) são usados na produção ou compreensão de um gênero.

Ancoradas nos aportes teóricos do Interacionismo sociodiscursivo (ISD) e nas capacidades de ação, Nascimento e Zironi (2009) enfatizam que o estudo da linguagem deve por em relevo as operações das ações formativas, “englobadas no processo de produção de texto em função de uma situação de comunicação” são elas: operações de contextualização; elaboração do conteúdo temático; planificação textual; textualização; e releitura, revisão e refacção (p. 255-6). Acreditamos que essas operações possibilitam

² Mesmo não tomando aqui para análise, CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes e STUTZ Lúcia, no texto Sequências didáticas: semelhanças e especificidades no contexto francófono como L1 e no contexto brasileiro como LE, apresentam uma quarta, a *capacidade de significação*. Cf SZUNDY et al. (Orgs). **Linguística Aplicada e Sociedade: Ensino e Aprendizagem de Línguas no contexto Brasileiro**, 2011.

a compreensão da mobilização dos saberes e, conseqüentemente, dos letramentos a eles subjacentes, inferidos a partir das respostas elaboradas pelos alunos.

a) *Operações de contextualização* - Referem-se às representações sobre a situação de produção que constituem a base da orientação para a produção do texto. No caso da prova escolar, o quadro abaixo esclarece:

Parâmetro de contextualização do gênero prova escolar/letramento acadêmico superior	
Contexto físico	Contexto sócio-subjetivo
<ul style="list-style-type: none"> • <u>Lugar de produção</u>: Universidade ou Faculdades. • <u>Momento de produção</u>: geralmente no período de final do período ou unidade de ensino. • <u>Produtor</u>: professor/aluno • <u>Leitor</u>: indivíduo com formação acadêmica (professor) ou em formação (alunos). 	<ul style="list-style-type: none"> • <u>Lugar social</u>: Agência de letramento responsável por desenvolver competências intelectual/investigativa/textual do professor/aluno. • <u>Papel social do produtor</u>: <i>professor</i> – sujeito preocupado em avaliar conhecimentos e habilidades de leitura e escrita do aluno; <i>aluno</i> – sujeito preocupado em aprender/construir conhecimentos científico/cultural/linguístico/textual; procura explicações para situações ou, quem sabe, possível solução, ao mesmo tempo que dialoga com autoridades reconhecidas da área de estudo em foco. • <u>Posição social do leitor</u>: <i>aluno</i> – deverá ser um leitor proficiente, crítico, capaz de ler palavras e imagens, além dos implícitos e perceber os objetivos das questões; <i>professor</i> – leitura avaliativa da aprendizagem de temas/conteúdo/leitura/produção textual do aluno. • <u>Objetivos</u>: <i>professor</i> – avaliar a aprendizagem do aluno; <i>aluno</i> – demonstrar aprendizagem crítica dos tema/conteúdo/ leitura/produção textual.

- b) *Tratamento dos conteúdos temáticos* – é uma etapa em que o produtor decide-se pelas escolhas sonora, morfológica e sintática, de modo a atender a configuração discursiva de um gênero.
- c) *Planejamento e organização do texto* – o produtor planeja a organização global do texto de forma a melhor explicitar as suas ideias, corresponde à coerência textual.
- d) *Textualização* – compreende a articulação interna do texto, a conexão, a coesão nominal e verbal, conforme o gênero escolhido.
- e) *Releitura, revisão e refacção* – momento de análise e autoavaliação sobre o texto produzido, passível a transformações para atender às exigências das condições de produção.

Mesmo as respostas de uma questão de uma prova escolar, sem especificar um possível gênero que a estructure, pressupõe um efeito da avaliação dos movimentos interlocutivos – o de produção e o de recepção (professor/aluno). Esse processo de interlocução se constitui de parâmetros bastante distintos, uma vez que o contexto sócio-subjetivo desses sujeitos parte de posições divergentes direcionadas para uma convergência temática/textual/discursiva conforme as exigências do domínio acadêmico universitário: o professor elabora a prova, buscando conferir competências e habilidades inerentes à academia; enquanto o aluno elabora resoluções, buscando corresponder ao objetivo da academia/professor, por isso ser relevante desenvolver essas operações para produzir um texto com propriedade de acordo com as exigências do letramento

acadêmico. Em busca de verificar se o aluno realiza essas operações, passemos à análise dos dados.

2. Descrição do contexto da pesquisa e análise dos dados

2.1 O contexto da pesquisa

O meu objeto de análise compõe-se de respostas elaboradas por dois alunos, presentes em duas provas de caráter presencial, aplicadas como avaliação final. A opção pelas duas provas é poder verificar se, no processo de um ano de curso, os alunos demonstrariam avanços na construção textual, conforme os critérios do texto acadêmico. Cabe ressaltar que as provas foram oferecidas da seguinte forma: a primeira oferta, no primeiro período; e segunda, reoferta, no terceiro período, esta última aos alunos que não conseguiram êxito na primeira, na disciplina Leitura e Produção de Textos (LET), no curso de licenciatura em Geografia, de uma universidade pública da Paraíba – Brasil. (Cf. MORAIS, 2011).

O contexto sociocultural desses alunos é muito heterogêneo em diversos aspectos: geográfico - litoral X interior; social: urbano X rural; cultural: práticas globalizadas X práticas locais; além disso, muitos desses jovens e adultos pertencem a grupos desfavorecidos social e economicamente, cujas oportunidades para se integrarem à sociedade tecnológica são dificultadas devido à distância das práticas globalizadas e suas exigências em multiletramentos. Esse grupo hoje luta para ter acesso a bens culturais que possibilitem a sua profissionalização e a sua integração na sociedade como força produtiva, de modo que voltam à escola, elegendo a EAD como caminho para adquirirem o conhecimento valorizado e a qualificação necessária. Nesse sentido, a Paraíba vem contribuindo para a ascensão desses sujeitos, ao oferecer, por meio de algumas instituições públicas, cursos de graduação que possam habilitá-los profissionalmente, fato esse constatado por Carvalho (2006):

No caso específico da Paraíba, são ofertados cursos na modalidade a distância em diversas licenciaturas, onde 85% dos alunos são oriundos de municípios do interior do Estado. Deste universo de alunos apenas 9% não estão exercendo atividades docentes na Educação Básica. Os demais exercem uma ou mais atividades relacionadas com educação. Isso significa, concretamente, que estes professores continuam exercendo suas atividades em sala de aula, frequentando a comunidade onde estão inseridos, deslocando-se para realizar suas atividades acadêmicas na Universidade, esporadicamente. A proposta pedagógica destes cursos possibilita ao aluno realizar suas atividades a distância, utilizando a Internet como importante ferramenta de comunicação. Os alunos se dirigem ao polo apenas para receber o material impresso, tirar suas dúvidas ou resolver questões burocráticas.

Dada essa proposta explicitada por Carvalho, durante o processo ensino e aprendizagem na EAD, os alunos são forçados a construir uma autonomia para buscar informações/conhecimentos a fim de realizar as atividades propostas. Mesmo recebendo orientações por meio de fóruns, chat, videoconferência, eles são estimulados a realizarem leituras e produção de textos, pesquisas temáticas/conteudistas, o que requer o exercício da autogestão do conhecimento, logo organização, planejamento e muita disciplina, práticas essas que exigem mobilizações cognitivas complexas e,

consequentemente, apropriação de uma cultura escolar, diferente das cotidianas de grande parte dos sujeitos analisados neste trabalho. Todos esses fatores são estratégias que potencializam a avaliação dos conhecimentos construídos, que muitas vezes serão ou não constatados na prova final, de caráter presencial, e é sobre essa última que aqui reflito.

Parece-me que por mais que se tenha pensado sobre a validação do instrumento prova escolar, ainda não houve um esgotamento desse ponto nevrálgico da sala de aula. São várias as tentativas de fazer com que os alunos, principalmente os que estão na graduação de um curso superior, tornem-se autônomos, sejam donos de seus dizeres e fazeres; e, para isso, a disciplina Leitura e Produção de Textos (LET) geralmente é incluída no currículo como componente que busca orientar para o desenvolvimento das ações formativas, por meio da leitura e da escrita acadêmicas, excetuando-se o curso de Letras, que, além disso, busca estudar essas habilidades numa dimensão científica e não do social cotidiano. Por isso diferentes textos do domínio pedagógico são trabalhados – resumos, resenhas, artigos, ensaios, relatos de experiências.... mas, no final, sempre existe a “velha prova”.

Por ser a academia um lugar de produção de conhecimento científico, as práticas ali desenvolvidas deverão obedecer a critérios institucionais de formalidade, e o uso da língua não foge à regra, aliás, esse seja talvez o fator determinante para o sujeito ser reconhecido como membro daquela esfera social, pois, como enfatiza Bakhtin (2003, p. 266), “em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de determinado campo”. Sendo assim, encaminho esta discussão buscando observar as operações de linguagem envolvidas na organização das ações formativas nas respostas/produção textual, o que apresento a seguir.

2.2 Análise dos dados

Os dados selecionados são de dois alunos participantes das duas etapas de provas: a primeira oferta e a reoferta; o que possibilita uma análise comparativa entre as duas respostas produzidas por cada aluno. A opção por esses sujeitos foi devido as suas produções serem representativas dos 40 (quarenta) alunos participantes das duas etapas avaliativas; ou seja, um sujeito de um centro urbano desenvolvido, com práticas de letramentos de uma sociedade tecnológica, denominado aqui de Aluno 1; e um outro do interior do estado, membro de uma sociedade urbana, mas ainda com práticas de letramento baseadas numa cultural rural, com pouco ou quase nenhum uso das tecnologias e informações necessárias para a autogestão do conhecimento, como se faz necessário na EAD, denominado de aluno 2. Sobre a organização de ambas as provas, apesar de as duas apresentarem questões variadas (objetivas e subjetivas), detive-me apenas em uma questão de cada prova, a que possibilitava observar as competências de leitura e escrita dos alunos e, portanto, as operações de linguagem responsáveis pela mobilização dos saberes e dos fazeres discursivos desses alunos.

Proposta da prova – primeira oferta

Questão: Leia cuidadosamente o texto abaixo e apresente a sua compreensão textual. Para tanto, explique a sua construção de sentido a partir dos pressupostos e subentendidos que poderão ser inferidos no texto.



ORIENTAÇÃO PARA RESPONDER À QUESTÃO ACIMA SOBRE PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS

- ◆ Nem sempre percebemos que, ao ler, complementamos informações fornecidas pelo texto com outras informações que inferimos a partir do que foi dito pelo autor. Isso porque o texto nos transmite, pelo menos, duas informações: uma que é pressuposta e outra que está subentendida.
- ◆ Para desvendá-los é preciso ser um leitor perspicaz, que lê nas entrelinhas para, assim, captar as mensagens implícitas.
- ◆ Pressupostos são ideias não expressas de maneira explícita, mas que podem ser percebidas a partir de certas palavras que, por si mesmas, veiculam significações implícitas;
- ◆ O subentendido é contextual, é pragmático, é de responsabilidade do ouvinte, e por isso, altamente variável, uma vez que o falante esconde-se por trás do sentido literal das palavras.

Resposta dos dois sujeitos a essa proposta – Denominada de questão 1

Exemplo A

Esse texto se refere a um encontro entre duas formigas japonesas, iniciando como em qualquer encontro com as apresentações iniciais em uma linguagem fática, onde se quer estender o contato. Achei bastante lúdico, pois nos lembra duas pessoas se encontrando cada um do seu jeito e de uma outra cultura, também demonstrando um pouco de timidez. Mas aos poucos vão se conhecendo e iniciando uma nova amizade que faz parte de viver em comunidade, sendo ela humana, de animais ou de insetos. Para mim toda criação de Deus tem o propósito de interagir e comunicar-se. Lembrando que o texto desse encontro ficou em um tom de comédia.

Resposta:

Esse texto se refere a um encontro entre duas formigas Japonesas, iniciando como em qualquer encontro com as apresentações iniciais em uma linguagem fática, onde se quer estender o contato.

Achei bastante lúdico, pois nos lembra duas pessoas se encontrando cada um do seu jeito e de uma outra cultura, também demonstrando um pouco de timidez.

Mais aos poucos vão se conhecendo e iniciando uma nova amizade que faz parte de viver em comunidade, sendo ela humana, de animais ou de insetos.

Para mim toda criação de Deus tem o propósito de interagir e comunicar-se.

Lembrando que o texto desse encontro ficou em tom de comédia..

Exemplo B

Esta bem claro que se trata duas formigas. Com o resumo perguntando para outro qual o nome dela. Ela com a mesma resposta um para o outro e as respostas que as duas dava a mesma resposta ou o mesmo nome que é formiga.

Resposta:

Esta bem claro que se trata duas formigas com versando perguntando para outro e qual o nome dela elas bem oferece resposta um para o outro e as respostas que as duas dava a mesma resposta ou o mesmo nome que é formiga.

Proposta da prova – reoferta - Denominada de questão 2

Questão – O texto III ao lado é uma charge, gênero textual cuja característica mais marcante é a crítica social cheia de humor. Explique como foi construído esse humor e a partir de que elemento textual.



Respostas dos dois sujeitos a essa proposta:

Exemplo A

A construção desse humor deu-se a partir de um assunto que está sendo bastante abordado atualmente, o "Ensino a Distância", onde o autor mostra o primeiro personagem fazendo uma pergunta referente a um método de ensino, e o segundo personagem de forma irônica, responde, "e bota distância nisso! Fecharam a escola perto da minha casa", mostrando assim que o segundo personagem (o receptor), não entendeu o que o emissor quis dizer.

Resposta:

A construção desse humor deu-se a partir de um assunto que está sendo bastante abordado atualmente, o "Ensino a distância", onde o autor mostra o primeiro personagem fazendo um pergunta referente a esse método de ensino, e o segundo personagem de forma irônica, responde, "e bota distância nisso! Fecharam a escola perto da minha casa", mostrando assim que o segundo personagem (o receptor, não entendeu o que o emissor quis dizer.

Exemplo B

O locutor faz uma pergunta para o ouvinte referindo a uma modalidade EX: EAD e o ouvinte interpreta a pergunta de forma relacionando a sua distância de percurso para o mesmo faz para ir a escola. Já que fecharam a escola próximo de sua casa. Acho que mesmo tendo interpretado de forma diferente a mensagem foi transmitida para ambos.

Resposta:

O locutor faz uma pergunta para o ouvinte referindo a uma modalidade EX: EAD e o ouvinte interpreta a pergunta de forma relacionando a sua distância de percurso que o mesmo faz para ir a escola. Já que fecharam a escola próximo da sua casa. Acho que mesmo tendo interpretado de forma diferente a mensagem foi transmitida para ambos.

Nas questões acima apresentadas é fácil perceber o fator prescritivo da instituição escolar, cuja atividade verbal deve estar de acordo com as práticas oficiais de avaliação, para que os modelos de discurso possam ser mantidos conforme os parâmetros institucionais. Em vista disso, acreditava que, após um ano de estudo, os alunos apresentassem diferenças mais pontuais entre as primeiras e últimas produções, por isso optei por uma análise comparativa de duas produções por meio da prova presencial - a oferta e a reoferta, o que me permitiu perceber algumas mudanças nas operações formativas que orientam os textos dos alunos, explicitadas abaixo:

- No que diz respeito às operações de contextualização, de forma geral, fica evidente a distância das práticas de leitura e escrita desses sujeitos das exigidas pela agência escolar universitária. Os saberes mobilizados são das práticas cotidianas de contextos culturais distantes da formalidade institucional, logo o contexto de produção baseado nos mundos físico (universidade; professor - aluno) e sócio-subjetivo (lugar de estudo e construção do conhecimento científico; profissionais - profissionais em formação) foram totalmente desconsiderados: ou seja, autor do texto, função social do autor, imagem que o autor tem de seu destinatário, locais e/ou veículos de circulação do texto. A prática tradicional de ir direto à resposta, sem uma contextualização teórica e/ou situacional da questão, é uma regra para esses alunos, o que vale é não deixar a pergunta sem ser respondida, talvez a compreensão fosse a de que, para questão discursiva, qualquer resposta seria considerada.

- O tratamento dos conteúdos temáticos é uma etapa importante para o produtor, pois exige a compreensão tanto do conteúdo teórico estudado quando das ideias veiculadas nos textos a serem analisados; é a partir dela que o aluno explicita o

que tem a dizer. Dessa forma, fica evidente que já há uma intenção de se fazer isso, mesmo porque a orientação da prova convida o aluno a não perder de vista essa relação: Há uma contextualização da situação do texto da questão 1, no entanto, não há nenhum desdobramento das ideias, nenhuma relação com o conteúdo teórico estudado; nenhuma preocupação com as relações morfossintáticas.

Aluno 1: *“Esse texto se refere a um encontro entre duas formigas Japonesas, iniciando como em qualquer encontro com as apresentações iniciais em uma linguagem fática, onde se quer extende o contato”*;

Aluno 2: *“Esta bem claro que se tralo duas formigas com versando perguntando para outro e qual o nome dela elas”*.

Já em relação à questão 2, mesmo que incipiente, percebe-se uma relação entre conteúdos estudados e ideias presentes no texto:

Aluno 1 – a ideia central do texto é percebida com mais clareza, há um ponto de vista, e até mesmo a relação com um dos conteúdos estudados no curso, embora não tenha sido o focalizado na questão: *“A construção desse humor deu-se apartir de um assunto que está sendo bastante abordado atualmente, o “Ensino a distância” (...) o receptor, não entendeu o que o emissor quis dizer”*;

Aluno 2 – Mesmo apresentando bem mais dificuldade que 1, esse aluno apresentou um acréscimo, pois empregou termos próprios da teoria da comunicação, assunto estudado no período anterior, mas não explorado no período da reoferta, além do mais soube identificar a ideia central do texto – *“O locutor faz uma pergunta para o ouvinte referindo a uma modalidade EX: EAD e o ouvinte interpleta (...) diferente a mensagem foi transmitida para ambos”*.

- Quanto ao planejamento e organização do texto, como essa operação refere-se à infraestrutura textual, plano mais geral, (tipos de discurso e sua articulação, sequências linguístico-discursivas), fica claro que ainda muito a ser construído – a pouca habilidade com leitura e escrita acadêmicas dificulta a mobilização de saberes científicos e, conseqüentemente, o saber/fazer discursivo inerente ao meio acadêmico. O agir comunicativo desses alunos, portanto, se sustenta na cultura das práticas cotidianas não prestigiadas pela instituição superior de educação.

- A operação textualização, por sua vez, é responsável pela explicitação do domínio linguístico/textual/discursivo do produtor, pois é a partir da articulação interna desses elementos que o conteúdo temático é bem explicitado e intencionalmente implicitado no texto, deixando as marcas argumentativas do produtor. Para isso, o produtor deve saber utilizar os elementos linguísticos que favoreçam a coesão e coerência textuais, dependendo da situação em uso; nesse caso, a padronização da língua, já que trata do letramento acadêmico: Vejamos a correlação entre os dois textos:

✓ Falta de conexão lógica entre os parágrafos – Ambos os sujeitos apresentam grandes dificuldades neste item. Não articulam logicamente as conexões entre parágrafos.

Aluno 1 – **Texto 1**, contextualiza a situação imediata, *“Esse texto se refere a um encontro entre duas formigas Japonesas, iniciando como em qualquer encontro com as apresentações iniciais”*; introduz o segundo parágrafo opinando sobre o humor

presente no texto-base ‘piada’, “*Achei bastante lúdico*”; depois, no terceiro parágrafo, volta à contextualização do conteúdo temático, “duas pessoas se encontrando cada um do seu jeito”. **Texto 2**, melhora a conexão, desenvolve a relação lógica entre as ideias do texto, com mais segurança, sem fugir do tópico ‘Ensino a Distância’, inclusive apresenta estrutura argumentativa/analítica, “*o segundo personagem de forma irônica, responde, “e bota distância nisso! Fecharam a escola perto da minha casa”*”.

Aluno 2 – **Texto 1**, apenas descreve a situação textual, não avança no desenvolvimento temático - “*Esta bem claro que se tralo duas formigas com versando peguntando para outro e qual o nome dela elas bem ofereça responde um para o outro e as resposto que as duas dava a mesma resposto ou o mesmo nome que é formiga*”. **Texto 2**, apesar de ter elaborado ainda um único parágrafo, propõe uma intenção de desenvolvimento temático e demonstra mais articulação entre as ideias, “*O locutor faz uma pergunta para o ouvinte referindo a uma modalidade EX: EAD e o ouvinte interpleta a pergunta de forma relacionando a sua distância de percurso que o mesmo faz para ir a escola. Já que feicharam a escola proximo da sua casa. Acho que mesmo tendo interpletado de forma diferente a mensagem foi transmitida para ambos*”.

✓ Coesão verbal e nominal – É perceptível a pouca habilidade desses sujeitos com a língua padrão, um dos aspectos primordial do letramento acadêmico.

Aluno 1 – No **Texto 1**, apresenta algumas dificuldades no emprego linguístico: formas verbais – “*extende o contato*”, excesso de gerundismo, forma verbal não recomendável para a escrita acadêmica, já que se aproxima mais da coloquialidade, do que do texto acadêmico, “*iniciando como em qualquer encontro ... pessoas se encontrando ... se conhecendo é iniciando uma nova amizade ... Lembrando que o texto desse encontro ficou em tom de comédia*”. No **texto 2**, percebe-se um avanço, o aluno diminui muito o gerundismo e passa a usar o presente do indicativo e pretérito perfeito, formas próprias da argumentação acadêmica, “*A construção desse humor deu-se ... onde o autor mostra o primeiro ... e o segundo personagem de forma irônica, responde ... o receptor, não entendeu o que o emissor quis dizer*”. Quanto às formas nominais, em ambos os textos, não percebemos inadequações na concordância sintagmática, porém problemas ortográficos, e de pontuação.

Aluno 2 – No **Texto 1**, o uso do gerundismo em detrimento de outras formas verbais próprias da escrita acadêmica, em ambos os textos, “*com versando peguntando para outro ... referindo a uma modalidade ... relacionando a sua distância ... mesmo tendo interpletado de forma diferente*”, além de problemas de concordância, “*as duas dava*”., Quanto às formas nominais, esse sujeito apresenta problemas infantis, “*as resposto, a mesma resposto, duas formigas e qual o nome dela elas, a escola proximo da sua casa*”. Além de outros problemas de várias ordens: pontuação, acentuação, ortografia, que podem prejudicar o aspecto semântico e, conseqüentemente, o coesivo.

Por fim, por se tratar de um prova final, em que há a preocupação de ser avaliado para uma promoção, esperava-se maior atenção no emprego das operações referentes à releitura, revisão e refacção. Mas, devido a todos os problemas apresentados anteriormente, é perceptível a ausência da elaboração de rascunhos, haja vista, de 40 alunos da reoferta, apenas 03 (três) foram elaborados, o que prova a ausência de autoavaliação desses sujeitos, até mesmo dos ortográficos mais pueris.

Aluno 1 – No **Texto 1**, “*deu-se apartir ... se quer extende o contato*”, nesse caso, o processo de revisão apontaria a inadequação e a refacção.

Aluno 2 – No **Texto 1**, “*claro que se tralo duas formigas com versando; o ouvinte interpreta ... Já que feicharam a escola proximo da sua casa... Acho que mesmo tendo interpretado*”, inclusive aqui acontece até mesmo a repetição do problema e não há uma refacção, o que leva-me a considerar ou falta de domínio linguístico mínimo ou desatenção imperdoável.

O diagnóstico ora realizado deixa evidenciar o muito que se tem a construir com o ensino-aprendizagem da linguagem, pois, apesar de um ano letivo da graduação, a estrutura composicional dos textos-respostas são tão pueris que retratam um perfil de alunos descomprometidos com as normas de redação escolar: falta de alinhamento, de organização do texto na página (suporte), de revisão e domínio da língua culta. Tudo isso demonstra ou desinteresse, ou despreocupação, ou desconhecimento dos alunos em atender práticas letradas requeridas por uma agência de letramento altamente sofisticado, quando as descrições e argumentações não podem prescindir da correlação teórica. No entanto, apesar dos resultados não serem satisfatórios, percebi um pequeno avanço entre a primeira e segunda produções, o que pode significar uma luz no horizonte para esses sujeitos que vivem à procura da promoção profissional e social, por meio da EAD.

Considerações finais

Este trabalho procurou apresentar uma situação que tem preocupado muitos professores da EAD: como fazer alunos com práticas languageiras distantes das referendadas na academia se apropriem de conhecimentos próprios de cada instância social? A análise realizada nesta pesquisa leva a concluir que, mesmo trabalhando com textos midiáticos de fácil circulação nos periódicos cotidianos – piada e charge -, e com orientações teóricas na prova, a mobilização de saberes desses alunos não foi suficiente para apresentarem capacidades de ação coerentes com as representações de um mundo intelectual acadêmico. As reflexões aqui apresentadas indicam a necessidade de se investigar mais o processo de ensino e aprendizagem por meio da EAD, visto que o agir comunicativo nesta modalidade de ensino exige não só um conjunto de mobilização de conhecimentos além do digital: leitura, escrita, domínio da língua culta, na modalidade escrita e oral, pesquisa, construção de pontos de vista, apresentação de argumentos etc, envolvidos no discurso acadêmico, exige muita disciplina, motivação para a autogestão do conhecimento, sem contar que tudo isso implica relação de poder. Dados como esses apontam para uma política pública de inclusão que ainda se tem muito a ser pesquisada, já que no que concerne à didática da língua, os alunos apresentam um comportamento distante entre as atividades on-line das presenciais. Após um ano de curso, o avanço é quase imperceptível, e o mais preocupante é que, nesse caso, são professores em formação que logo estarão em sala de aula sendo mediadores para aprendizagem de outros sujeitos..

Referências

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: Educ, 2003.

_____. O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores. Trad. Anna R. Machado e M^a de Lourdes Matêncio. Campinas, SP: Mercado de letras, 2008. (Coleção Ideias sobre Linguagem).

CARVALHO, Ana Beatriz. Políticas Públicas em Educação a Distância e a Formação de Professores no Estado da Paraíba. In: IV Seminário Regional de Política e Administração da Educação no Nordeste, 2006, Natal. IV SEMINÁRIO REGIONAL DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO DO NORDESTE, 2006. Disponível em: www.techinfo.eti.br/bee/POLPUBPB.doc. Acessado em 08.05.2012.

MORAIS, Francineide Ferreira de. O gênero prova: qual o seu caráter agentivo no letramento escolar?. IN: VI Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais - VI SIGET, agosto/2011, UFRN, RN – Brasil. Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/visiget/>.

NASCIMENTO, Elvira Lopes e ZIRONDI, M^a Ilza. Gêneros textuais e práticas de letramento. In: NASCIMENTO, Elvira Lopes. (Org.) *Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino*. São Carlos: Claraluz. 2009, p. 249 – 288.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Orgs.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução Roxane Rojo e Gláís SalesCordeiro. Campinas: Mercado de letras, 2004.